



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Compondo possíveis em uma pesquisa participativa em saúde
Autor	ALESSANDRA DA COSTA KASPRCZAK
Orientador	SIMONE MAINIERI PAULON

COMPONDO POSSÍVEIS EM UMA PESQUISA PARTICIPATIVA EM SAÚDE

Autora: Alessandra da Costa Kasprczak (Psicologia – UFRGS)
Orientadora: Simone Mainieri Paulon (PPGPsic/PPGCol – UFRGS)

O presente estudo se desenvolve no processo da pesquisa “Qualificação da Saúde Mental na Atenção Básica: análise das práticas de equipes da Região 10-Macrometropolitana/RS a partir do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB)”, a qual tem como objetivo visibilizar e qualificar práticas de saúde mental na Atenção Básica a partir da análise coletiva e ampliada das questões relacionadas à atenção psicossocial do primeiro ciclo do PMAQ-AB.

De caráter participativo, interventivo, avaliativo e qualitativo, a pesquisa se constrói na perspectiva da Análise Institucional e se inspira em metodologias avaliativo-participativas de quarta geração, nas quais assume especial relevância o conceito de grupos de interesse (GI) para a reunião de concepções e narrativas. Assim, foi-se produzindo um percurso metodológico delineado de modo vivo e processual nas negociações e movimentos do campo, nos encontros entre os diferentes atores da saúde (gestores, trabalhadores, usuários, acadêmicos, militantes e demais interessados).

Minha inserção ocorreu em variadas instâncias de participação: nos encontros com gestores dos seis municípios participantes da pesquisa (GI gestores); nos grupos focais com trabalhadores e usuários dos serviços de saúde de Porto Alegre-RS; nas rodas de conversa com formação híbrida de GIs nesse mesmo município; nas reuniões semanais do grupo acadêmico de pesquisa; nas consultorias com pesquisadores de outras universidades que também pesquisam a temática (GI pesquisadores acadêmicos).

Ao longo das inserções nesses espaços interventivos, fui me perguntando: Quais seriam os interesses de cada um desses grupos no tema estudado? Como possibilitar que, no encontro entre diferentes atores, se produza uma participação que faça sentido para os diferentes GIs (assim como para os pesquisadores acadêmicos nos faz sentido reuni-los)? Como nesses diferentes sentidos de/da participação conseguir produzir um comum entre usuários, trabalhadores, gestores e acadêmicos? Como articular esse comum tendo como ética a produção de vida enquanto diferença, enquanto abertura a possibilidades de criação no cuidado em saúde mental, como é nosso desejo como pesquisadores intervenientes? Ou seja, como potencializar as linhas de força que permitem as dúvidas, a temporalidade das soluções, a inventividade no fazer cotidiano das práticas de produção de saúde-vida, de forma a desmontar a lógica manicomial e tutelar que se fazia audível nas falas de pessoas de diferentes GIs? Visto que, tanto o discurso tutelar hegemônico quanto as brechas que defendem o cuidado em liberdade se apresentam não como próprio de algum dos GIs, mas como atravessamentos institucionais (e, portanto, coletivos), engendrando um jogo instituído-instituinte, a inspiração no conceito de GI não cairia em uma compreensão identitária e representativa da participação?

Essas questões caminham junto ao processo de pesquisa e de minha própria formação de pesquisadora. Nossa compreensão tem sido de que não se trata de considerar uma identidade específica de trabalhadores, de usuários, de gestores e/ou de acadêmicos, mas de perceber que, de modo geral, cada um desses segmentos habita um certo território discursivo, certos lugares de fala. Trata-se então de mapear esses territórios em busca das multiplicidades e dos desvios aos atravessamentos hegemônicos. Assim, na abertura de espaços de encontro que colocam ao lado e em conversa os distintos lugares-interesses (inclusive o acadêmico), essa pesquisa-intervenção tem buscado provocar desterritorializações e misturas, visando encorajar deslocamentos nos discursos-práticas e instigar a invenção coletiva e desejante de outros territórios possíveis de ser e estar no mundo e de produzir saúde.